

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DE TOBIAS



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA**



LIVROS DE TOBIAS

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE TOBIAS.....	5
O profeta e seu tempo.....	6
A OBRA.....	7
Estrutura.....	7
Gênero.....	8
Temática.....	9
Mensagem teológica.....	9
LIVRO DE TOBIAS.....	11
Vida exemplar de Tobit, pai de Tobias.....	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18

INTRODUÇÃO AO LIVRO DE TOBIAS



O *Livro de Tobias* é uma encantadora obra de ficção. O tema teológico predominante é o da providência divina, capaz de mudar as difíceis experiências familiares vividas pelos personagens. O autor, verdadeiro israelita, partilha da convicção de que o homem não pode prever nem dominar o processo da sua vida, pois só Deus conhece todas as etapas da vida humana e dá sentido a todas as experiências.

Esse livro tornou-se um dos mais populares no âmbito católico. O arcanjo Rafael, personagem principal da trama, passou a ser um dos arcanjos mais venerados na Igreja. A prática ascética da primeira noite de núpcias de Sara e Tobias foi seguida por muitos casais ao longo da história.

A trama do livro segue a raiz etimológica *tov* (bom, bondade) dos nomes Tobias e Tobit. O livro parece querer cantar antes de tudo a bondade de Deus manifesta na vida dos protagonistas da obra.

O tema central narra a história de duas pessoas em dificuldade, Tobit e Sara. O primeiro é um judeu piedoso que, malgrado sua fidelidade à Torah, torna-se cego. Sara, filha de Raguel, parente de Tobit, viu morrer, um depois do outro, sete maridos durante a primeira noite de núpcias, por obra do demônio Asmodeu. A história muda de rumo quando Tobit manda seu filho a Raguel. A estrada torna-se um celeiro de dificuldades, e é aí, em meio às vicissitudes, que Deus, por meio do arcanjo Rafael,

oferece a Tobias consolo e companhia. Rafael, que significa Deus cura, livra Sara do demônio, torna possível o casamento entre Tobias e Sara e ainda receita o remédio que cura Tobit da cegueira. No final, a felicidade é completa, tudo por obra divina. Seus personagens, no entanto, não dependiam dessa felicidade para amar a Deus, pois já o faziam mesmo nas dificuldades. O livro não é apologia à teologia da retribuição, mas sim confirmação de que *de Deus recebemos tanto quanto esperamos* (João da Cruz).

O profeta e seu tempo

O autor foi sem dúvida um judeu, temente a Deus, que provavelmente vivia na diáspora. O autor é em si um modelo proposto para todos os que viviam distantes da Terra Santa, mas queriam ser fiéis aos mandamentos divinos. Ele demonstra ser detentor de uma formação humana e cultural magnífica. Parece uma pessoa arraigada aos valores de sua comunidade, conservando a tradição do seu povo, a língua, a cultura, a fé e os costumes dos mais velhos. Claro que também sofre influências da sociedade pagã da diáspora onde vive. Embora fiel às suas tradições paternas, não se distancia dos bens culturais do mundo helenístico.

No livro não existem indícios consistentes para fixar com segurança a *pátria* nem o *tempo* de composição. Muitos críticos pensaram no Egito pelos paralelos com a obra extrabíblica, *A Sabedoria de Abigar*, cujos fragmentos foram encontrados no Egito. Na verdade, pensou-se em todo o Crescente Fértil, da Mesopotâmia ao Egito. Todavia, não podemos ir além da conclusão de que os costumes, a língua e o ambiente nos colocam no contexto da diáspora oriental, sem precisar o local exato.

A data de composição também é incerta. O influxo sapiencial, a reelaboração de textos do Pentateuco que aparece já conhecido na sua

unidade, uma certa afinidade com Ben Sirac (cf Tb 12,19 e Eclo 3,30) e outros elementos como a falta de menção à revolução macabaica apontam para o período helenístico, mais precisamente entre o século III a.C e II a.C.

É, portanto, plausível, que o livro tenha sido escrito por volta do ano 220 a.C., em Alexandria, na diáspora egípcia. É um tempo de paz, que oferece à colônia judaica a possibilidade de refletir sobre sua pátria e de criar novas possibilidades de existência. Os destinatários poderiam ser a aristocracia e a classe burguesa, que eram ligadas às tradições da religião hebraica, mas procurava inserir-se e afirmar-se no novo contexto sociopolítico do Egito. Havia o perigo de deixar-se assimilar não só do ponto de vista cultural, mas até religioso, abandonando a tradição do povo de Deus. Em tal contexto, o *Livro de Tobias* é visto como uma reação em defesa da identidade judaica ameaçada.

A OBRA

Estrutura

Em plano geral, segundo J. Vilchez, o *Livro de Tobias* pode ser dividido em três partes fundamentais, à semelhança de um drama:

- na primeira parte (Tb 1-3), o autor apresenta os personagens em seus lugares de residência, bem distantes uns dos outros. O autor se serve de maravilhoso recurso literário para entrelaçar as histórias dos personagens, o que prende a atenção do leitor;
- na segunda parte (Tb 4-11) mostra, na terra, o suceder dos fatos formulados no céu (3,16-17); essa parte é a mais original da obra, porque aborda o tema da viagem, cenário da intervenção divina;

- na terceira parte, já não há mais ação e sim uma revelação, uma oração e o desfecho do livro.

Gênero

Por muitos anos a tradição eclesial fez uma leitura acrítica do *Livro de Tobias*. Partindo de Tb 1, 3, via-se na obra uma espécie de autobiografia. Hoje, ninguém mais defende essa ideia. No panorama atual da exegese, Tobias é visto como uma obra de *ficção*. Os autores só divergem na hora de determinar qual o tipo específico de ficção. É frequente classificá-lo como *novela* ou *conto curto*, *conto piedoso* ou um *conto edificante*.

No *Livro de Tobias*, na verdade, não se encontra apenas um tipo de gênero literário. A abundância de conselhos aos jovens, por exemplo, aponta para o estilo sapiencial, uma espécie de *narração sapiencial*. Há também outros gêneros menores: autobiografia (1,3-3,6); orações (3,1-6.11-15; 8,4-10.15-17), salmo (c. 13), aforismos (4,3-21; 12,6-10; 14,6-11), contrato de depósito de dinheiro (5,3; 9,2.5), contrato de trabalho (5,7.10.15-16; 12,1-5), contrato matrimonial (7,9-14), testamento (8,20-21), *angelofania* (12,11-20).

Parece que de todos esses gêneros aquele que mais se sobressai é o da *novela-narração*. Trata-se de uma ampla narração relativa às aventuras ou experiências de um ou mais indivíduos com o objetivo de instruir e edificar espiritualmente. Frequentemente esse gênero se apresenta como *provação vencida* e consiste no cumprimento de uma viagem cheia de perigos em busca de dinheiro ou de matrimônio. Não obstante as graves dificuldades e perigos mortais, a provação se cumpre com um final feliz, com pleno sucesso no que tange a casamento, dinheiro etc. No nosso caso, o *herói* Tobias supera a provação e alcança o sucesso no fim da viagem, principalmente no que se refere ao seu casamento e à cura do pai.

Temática

A trama do livro não é articulada como suspense. De fato, os leitores já desde o início sabem da promessa de Deus que trará um clímax feliz às histórias de Tobias e Sara. O leitor, portanto, se pergunta mais sobre o *como* e não sobre o que *vai* acontecer. Parece que, ao invés do suspense, o autor utilizou do recurso literário da *ironia*. Os nomes dos personagens e aquilo que eles fazem são repletos de ironia. O nome de Tobit, por exemplo, que deveria ser um nome de proteção divina, traz, ao contrário, a desventura quando ele tenta cumprir boas ações. Não obstante o seu nome ser *Deus é meu bem*, ele se encontra pobre e cego. Isso, no entanto, não o impede de continuar sendo fiel a Deus. Rafael, que significa “Deus cura”, é enviado para curar o casal, mas no fim é Tobias quem torna possível a cura do pai. Sara, que quer dizer “senhora”, aparece dominada pelo demônio Asmodeu. No fim da trama, entretanto, todos os personagens reencontram a confirmação dos seus nomes por obra divina.

Mensagem teológica

Tobias é escrito para todos aqueles que se sentem como os seus destinatários originais, pessoas distantes da sua pátria e de seu culto, mas que querem ser fiéis a Deus. Eles não têm mais a garantia de que o culto persista. Garantia utópica, pois nos faz crer que, cumprindo ritos, estaremos correspondendo à vontade de Deus. *Tobias*, ao contrário, é um chamado à obediência na adversidade.

Não falta também em *Tobias* uma abertura internacional, universalista. A diáspora é castigo pelos pecados, mas é também ocasião para se fazer conhecer o Senhor no mundo pagão. Por isso, a obra termina com um louvor na terra de cativo. É ali onde Deus precisa ser louvado. O exílio é mais uma vez visto como missão entre os povos: *Converti-vos, pecadores,*

e praticai a justiça diante de Deus, na confiança que vos fará misericórdia (13,8).

O *Livro de Tobias*, ainda que não seja mencionado no NT, desde cedo foi muito citado pelos cristãos. Aparece já na carta de Policarpo aos Efésios e depois é muito utilizado pelos Padres da Igreja. Foi reconhecido como canônico pela Igreja Católica já no séc. IV. Seguindo essa tradição, a obra pode ser muito bem utilizada para uma catequese conjugal. É recomendável para solidificar o sentido religioso da família e do amor aos pobres e da confiança em Deus nas boas e nas más horas. Também a fidelidade na adversidade é um bom tema para uma catequese sobre a dor e o sofrimento, hoje tão mal entendidos no âmbito religioso.

LIVRO DE TOBIAS



Vida exemplar de Tobit, pai de Tobias

Vida e milagres de um deportado (Tb 1,1-22). Depois da rigorosa e imprescindível apresentação genealógica, o personagem central do livro faz, em primeira pessoa, a apresentação de suas próprias virtudes, o que nos recorda o fariseu que entra no templo para dar graças a Deus pela “boa pessoa” que era, porque “não sou como os demais homens” (Lc 18,9-11). Esse recurso é importante para o autor e, ao que parece, era algo que seus leitores esperavam, precisamente porque quer demonstrar que fora das fronteiras judaicas o verdadeiro israelita deve manter seu comportamento de acordo com sua fé, adaptando-se aos lugares onde vive mas não se assemelhando a eles em seus costumes nem no descuido espiritual e moral em que supostamente vivem os pagãos.

A maneira externa como o judeu piedoso manifestava suas convicções de fé era a prática da esmola, do jejum e da oração. Mas estamos ainda em uma época na qual se acreditava que essas práticas por si mesmas somavam méritos suficientes para chamar-se a si mesmo “bom” diante dos outros e, ao mesmo tempo, seriam recompensadas por Deus através da multiplicação dos bens materiais, do bem-estar corporal e da abundância de filhos. Estamos, pois, demasiado distantes ainda do conceito autêntico da graça que Jesus apresenta quando insiste com seus discípulos para que tenham uma “justiça maior” (Mt 5,20) e que na reflexão teológica

cristã posterior considera-se como teologia da graça.

A desventura de Tobit (Tb 2,1-3,6). Sobre Tobit abatem-se as desventuras em três ondas sucessivas: a festa perturbada, a perda da visão, a perda da paz familiar. A primeira provoca os comentários zombadores dos vizinhos, a segunda estimula a compaixão dos parentes, e a terceira desata as censuras de sua mulher. O primeiro comentário poderia enfraquecer a fé de Tobit se a Escritura recordada não fortalecesse sua convicção (Tb 2,5). O terceiro, que enfrenta o problema da retribuição, coloca em dura prova a fé de Tobit (Tb 2,14). Da profundidade de sua dor brotará a súplica do cap. 3. O relato procede com fluidez, rapidez e eficácia. Neste capítulo, com a oração de 3,1-6, afluem duas influências evidentes: a de Jó, honrado e inocente, sobre quem se abatem desventuras; e as confissões pós-exílicas, que na boca de um inocente adquirem novo sentido. Com isso se esclarece a função do capítulo anterior. Tinha de ficar claro que Tobit é inocente, que sofre sem culpa, que é provado por Deus e supera a prova. O princípio da retribuição não atua imediata nem mecanicamente.

A desventura de Sara (Tb 3,7-17). Aparece em lugar diferente, mas simultaneamente, outro personagem que tem motivos suficientes para estar aflito e triste. Trata-se de Sara, uma piedosa judia que em sete matrimônios não pôde consumir nenhum, pois um demônio, Asmodeu, foi matando cada marido no momento da união marital. A jovem é duramente criticada por pessoa do serviço doméstico, o que é considerado por ela como uma humilhação e, no mesmo tom de Tobit, dirige-se a Deus para pedir-lhe fervorosamente ser tirada do mundo dos vivos. A oração de ambos comove Deus e o autor nos antecipa que, como efeito de suas súplicas, um anjo virá encarregar-se de ambos os crentes (vv.16s).

Uma leitura superficial nos levaria a ver em Tobit e em Sara atitudes desesperadas, pois ambos desejam sua própria morte para se verem

livres de suas tribulações e, sobretudo, das censuras e injúrias de amigos e parentes. Mas a realidade é que ambas as orações deixam transparecer um profundo espírito de fé, humildade e conformidade com a vontade de Deus. Essas expressões um tanto desesperançadas são pronunciadas mais como desafogo do que por falta de fé. No caso de Tobit, sua preocupação transborda em algumas ocasiões o âmbito do pessoal para se interessar pelo povo em geral.

Conselhos de Tobit a seu filho (Tb 4,1-21). A única coisa que Tobit espera é a morte, e essa perspectiva o faz pensar em seu filho e em seu futuro. Como bom pai, Tobit recomenda a seu filho uma vida exemplar. Poderíamos dizer que lhe transmite uma espécie de testamento espiritual que gira em torno dos deveres que um bom israelita deve realizar: deveres de bom filho (vv.3s); a prática da honradez (vv.5-7a); a prática da esmola (vv.7b-11); outras relações com o próximo (vv.1-17); o referente ao matrimônio (vv.12s) e a busca da sabedoria (vv.18s). O encontro de pai e filho conclui-se com a revelação de Tobit sobre o dinheiro que possui em outra cidade distante, à qual Tobias terá de viajar para fazer o resgate.

O guia desconhecido (Tb 5,1-23). A partir desse momento intervém de maneira direta a mediação divina, encarnada em um estranho personagem, que infelizmente o narrador identifica de imediato como o anjo Rafael, que se deixa encontrar por Tobias. Nem Tobias nem seu pai percebem de que se trata de um enviado de Deus, mas a partir de agora tudo correrá bem, sem nenhum tipo de inconveniente, pois a presença do anjo faz com que tudo se resolva fácil e favoravelmente. Seria a maneira de dizer que “a quem anda com Deus tudo lhe corre bem”, mas poderia ter-se feito de uma maneira menos óbvia e um pouco mais realista, pois no cotidiano da vida, mesmo que nosso propósito seja sempre “caminhar com Deus”, existem sempre desvios, tropeços, incertezas, dúvidas e até

insucessos, que felizmente são ingredientes que ajudam a amadurecer a fé. Por aqui se poderia entender a cegueira de Tobit e, por que não?, a de Paulo de Tarso (At 9,7-9). É o que os grandes místicos denominam como a “noite escura”.

A viagem (Tb 6,1-19). Começada a viagem, o narrador vai introduzindo os elementos que darão como resultado a intervenção divina, graças à oração tanto de Tobit quanto de Sara, e que servirão para resolver o enredo da narrativa. Tobias, orientado pelo anjo, guarda alguns pedaços das vísceras de um peixe, com o que não só vai exorcizar sua futura esposa, mas também vai curar a cegueira de seu pai.

Por que o peixe, que no início ameaça atacar Tobias, acaba sendo o portador do que virá a ser a salvação para todos os atores? Pode existir aqui algum elemento simbólico que escapa a nossa compreensão, mas que talvez para os primeiros leitores não fosse tão obscuro.

O matrimônio de Sara (Tb 7,1-9,6). Podemos decompor esta sessão em várias cenas: a chegada à casa de Raguel e acolhida dos hóspedes tal como manda o rito da hospitalidade oriental (7,1-8); os preparativos para a boda; Tobias já amava Sara por ouvir dizer e não quer deixar passar essa noite para unir-se a ela (7,9-17). O exorcismo com o fígado do peixe dá como resultado a fuga de Asmodeu, demônio responsável pelas mortes dos sete pretendentes que tentaram unir-se a Sara, e seu acorrentamento por parte de Rafael há muitos quilômetros de distância (8,1-4). Esta cena completa-se com a oração de Tobias e Sara (8,5-8). Mistura-se aqui uma cena, segundo alguns comentaristas, de puro humor macabro: Raguel, “habituação” já a enterrar os maridos de sua filha, sete ao todo, cava uma fossa para enterrar secretamente o oitavo; todavia, os espiões do quarto nupcial anunciam felizes que Tobias permanece com vida depois de ter consumado o matrimônio com Sara (8,10-18). Finalmente, temos a

cena da recuperação do dinheiro, motivo da viagem de Tobias, mas cuja missão quem a cumpre é Rafael (9,1-6). Tudo termina em ambiente de festa de bodas na casa de Raguel.

O denominador comum desta sequência de cenas, como se pode ver, é o exagerado providencialismo. Tudo vai acontecendo com uma extraordinária facilidade, como age Deus, neste caso por mão de seu anjo, que vai dirigindo e realizando tudo segundo o querer dos atores. Estes motivos foram muito apreciados em uma época na qual se acreditava que é assim que Deus age, deslocando o homem e evitando-lhe qualquer esforço. Todavia, na atualidade não entendemos as coisas assim; sem perder a confiança na Providência, na qual o próprio Jesus nos convida a confiar (Lc 12,22-31; Mt 6,25-34), porque é verdade que existe e atua em nossa história e em nosso cotidiano, também é preciso voltar o olhar para nossa própria responsabilidade e ação sobre os acontecimentos que afetam nossas vidas.

O regresso para casa (Tb 10,1-14). Descobre-se aqui alguns paralelos com as narrativas patriarcais, em particular com o regresso de Jacó para Canaã: despedida do sogro, viagem com a esposa, as posses e o encontro com anjos. Ao destino histórico de Jacó, pai das tribos, corresponde o destino de uma família de exilados, e o anjo é seu servidor doméstico. Em troca, falta a dramaticidade, suprida com despedidas efusivas regadas por lágrimas. Retorna a técnica da montagem paralela, mas sem dupla oração. O jovem, já iniciado, toma a iniciativa.

Cura de Tobit (Tb 11,1-19). A partir do cap. 4 havia entrado em cena a Providência divina na pessoa de Tobias, que, guiado pelo anjo Rafael, vai curar os males de que padecem seu pai e a filha de Raguel. Primeiro devolve a salvação, a paz e a alegria a Sara, e depois devolve a saúde e a alegria a Tobit, curando-o da cegueira. Essa visita da Providência divina

ao ancião e piedoso Tobit constitui o tema de nossa leitura. Além da aplicação do fel do peixe, intervêm outros fatores que fazem da cura de Tobit um verdadeiro milagre, e não simplesmente o resultado de um artifício mágico: a presença do anjo Rafael, as palavras do filho exortando seu pai a confiar e, sobretudo, a ação de graças do próprio Tobit, que atribui sua cura a Deus. Como diz o livro da Sabedoria a propósito das curas no deserto: “Não foi uma erva nem algum unguento que os curou; mas a vossa palavra que cura todas as coisas, Senhor” (Sb 16,12).

Rafael (Tb 12,1-22). Aqui encontramos o desfecho do livro de Tobias, que vem a ser uma espécie de novela de caráter didático. Podemos distinguir os seguintes momentos:

1. Pai e filho entram em acordo sobre retribuir ao acompanhante a metade dos bens que trouxeram da viagem.
2. Rafael chama- os à parte e os convida a bendizer a Deus e a proclamar diante de todos os vivos os benefícios recebidos.
3. A parte central do discurso do anjo é uma exortação de caráter sapiencial em torno dos três fundamentos da vida piedosa, tal como o judaísmo tardio a entendia: a esmola, a oração, o jejum.
4. Rafael explica que a vida do homem tem como que dois planos: esta aparência corporal, controlável pelos sentidos, que se desenvolve aqui na terra e que não parece ser senão uma sequência mecânica de causas e efeitos sem transcendência alguma; e por trás desse plano visível, outro de alcance transcendental e divino; as palavras e as ações dos homens não se desvanecem sem deixar rastro, devoradas pelo tempo, mas tudo permanece registrado na presença de Deus.
5. Novo convite a proclamar as maravilhas do Senhor, inclusive colocando-as por escrito, e o desaparecimento do anjo.

Apesar das intervenções extraordinárias e milagrosas do anjo durante a viagem, e seu regresso à casa de Tobit, pai e filho não haviam percebido plenamente seu caráter sobrenatural. Esta é a pedagogia divina. Está presente no mundo, nas coisas, nas palavras e nas ações dos homens, mas é uma presença calada e silenciosa; somente a fé pode descobri-la. Pai e filho continuam acreditando que Rafael era um dos parentes da tribo de Neftali e por isso querem recompensá-lo. É certo que a ação de Deus se desenvolve em clima misterioso e de silêncio. Rafael soube adaptar-se perfeitamente a essa pedagogia divina e realizou sua missão com a máxima naturalidade. Contudo, todas as coisas têm seu tempo: tempo de calar e de tempo de falar (Ecl 3,7). Rafael diz que chegou o tempo de falar para bendizer e proclamar aos quatro ventos as maravilhas do Senhor.

Cântico de Tobit (Tb 13,1-18). Várias vezes Rafael convidou a bendizer o Senhor por seus benefícios. Este capítulo é a resposta de Tobit ao convite angélico. Tal é sua função no relato. Ao mesmo tempo, traz reflexões teológicas a um livro didático. A oração de Tobit é composta por uma oração penitencial, no estilo das pós-exílicas (Es 9; Ne 9; Dn 3 e 9; Br 1,15 - 3,8), e de um hino escatológico a Jerusalém, no estilo de Is 54 e 60.

Epílogo (Tb 14,1-15). O capítulo final começa com a morte de Tobit, e depois retrocede. Alguém, o autor ou um sucessor, não conseguia desprender-se do personagem e lhe concedeu outro capítulo, que alguns críticos consideram narrativamente inútil. Tobit toma a palavra para um segundo testamento de bons conselhos. Mais importante, Tobit recebe o dom da profecia antes de morrer, como Moisés. O passado do autor se apresenta como futuro do personagem: a história se transforma em profecia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.